

Indivíduos e o acúmulo de imagens frente às novas tecnologias da informação na pós-modernidade

Leticia Oliveiraⁱ

RESUMO

O artigo aborda que, frente ao acúmulo exagerado de imagens diante das novas tecnologias contemporâneas, indivíduos desaparecem, aos poucos, em suas essências reais e vivem em um mundo de simulacros. Com base também no estudo da semiótica, percebe-se o "eu" que está se perdendo gradativamente junto ao caráter massivo de imagens. É observado que as sociedades pós-modernas usufruem das possibilidades e do dinamismo dos modernos aparatos tecnológicos, os quais facilitam à agregação de capital simbólico, seja por meio de entretenimento ou na busca de conhecimentos específicos. Paralelamente, outro cenário torna-se aparente e não desprezível pela vulnerabilidade e individualismo de espectadores com alterações de comportamento, provocadas pela insegurança e volatilidade de signos e imagens emitidos pela mídia.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; imagens; indivíduo; virtualidade; semiótica

Alguns sintomas, entre eles, o individualismo, apresentado pela sociedade contemporânea e previsto por estudiosos e críticos, tem sido experimentado nos dias de hoje. E um dos motivos que levam ao entendimento dessa polêmica questão pode ser atribuído também à incessante e ansiosa busca pelo irreal. A “sede” de virtualidade parece fomentar a superficialidade nas relações entre mídias e receptores/internautas/telespectadores, e, vice-versa, uma massa repleta de indivíduos à procura de um “si próprio”, que vem sendo constituída sem originalidade.

A multiplicação da quantidade de sinais e espetáculos pelos meios de comunicação produz uma proliferação chamada de “sinal-valor”, uma “economia política do signo”. Pois a marca, o prestígio, o luxo e a sensação de poder tornam-se uma parte cada vez mais importante do artigo de consumo e não somente seu valor de utilização ou de troca, como na teoria Marxista. Tendo por base as relações político-econômicas e socioculturais contemporâneas, o pensador francês Jean Baudrillard descreve uma sociedade-cultura de simulacros e simulações; o privilégio dado pelo capitalismo pós-moderno à produção de signos e imagens, ao invés das próprias mercadorias; a desestabilização da noção original das coisas e das ilusões culturais empreendidas pela publicidade, pela mídia e técnicas de exposição dos produtos. Infere-se que o consumismo esteja moldando as relações entre os indivíduos na pós-modernidade.

O poder de dominação, de fascínio, de hipnotização da TV sobre os telespectadores é expresso em seu dizer irônico que “a imagem do homem sentado, contemplando em um dia de greve, sua tela de televisão vazia, constituirá no futuro uma das mais belas imagens da antropologia de nosso século”. Ele entendia os meios de comunicação de massa como veículos do fascínio bruto do ato terrorista. Na medida em que caminham para o fascínio são eles os próprios

terroristas, manipuladores em todos os sentidos, pois carregam consigo o sentido e o contra-sentido. Em sua obra de 1981, intitulada *Simulacros e Simulação*, Baudrillard afirmou ser impossível encontrar um bom uso dos *media*, em suas palavras: “ele não existe”.

Nas análises sobre os meios de comunicação, destacou sempre a TV. Por meio da produção exagerada de imagens, signos e mensagens, originou o “mundo simulacional”, ou seja, a sucessão infinita de simulações que neutralizam umas às outras, relacionado com significantes desconexos e uma realidade totalmente estetizada, onde há uma perda da noção de realidade concreta. Nessa concepção, entendem-se as técnicas para produzir ilusões sendo sofisticadas como a realidade virtual e os receptores modificando seu código rapidamente ao anularem sua relação com o passado.

Ao caracterizar o social como um amontoado confuso, destaca este social como nada, apenas “massas”, para concluir que estas absorvem toda a eletricidade do social e do político e as neutralizam, sem retorno. Isso quer dizer que não são boas condutoras do político, do social nem no sentido geral. A inércia, a força da inércia, a força do neutro. Enfim, não passam de “buracos negros”, uma de suas metáforas preferidas para caracterizar as massas, em que o social se precipita. É importante abordar que, neste âmbito, alguns estudiosos consideram a compreensão de Baudrillard, com relação às seduções do mercado, dramática e paranóico-crítica.

O difícil conceito de simulacro, tendo por base o “quarto estágio, o terminal, do signo”, não está relacionado com uma oposição entre simulação e realidade, real e signo, ou melhor, nunca quis dizer irrealidade. Os simulacros seriam experiências, formas, códigos, digitalidades e objetos sem referência apresentados de forma mais real que a própria realidade, sendo “hiper-reais”. Para ele, a simulação não é a simulação de um território, um ser

referencial ou uma substância. "É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real". Baudrillard destaca nossa condição como a de uma ordem social onde os simulacros e os sinais estão, crescentemente, constituindo o mundo contemporâneo, como qualquer distinção entre real e irreal é impossível.

A evidência no momento é apontada na reprodução do real que acontece em qualquer esfera do sistema. Tudo se tornou um simulacro: o mundo do trabalho, o capital, a etnologia, o teatro, a arte, a pedagogia, a psiquiatria, a política, o sexo, entre outros. Concluiu em sua obra que "tudo se metamorfoseia no seu termo inverso para sobreviver na sua forma expurgada". Assim, todos os poderes e instituições falariam de si próprios pela negativa para tentar, por meio da simulação de morte, escapar à agonia real. Nesta visão, nos encontraríamos no quarto estágio da representação, a "hiper-realidade", que a tudo falsifica na época pós-moderna. Em relação à cultura, o simulacro coloca-a como uma esfera de completa autonomia e nela são jogados os sujeitos descentrados. Devido ao acúmulo de imagens e simulações, possuem apenas uma experiência a compartilhar, "a alucinação desestabilizada e estetizada da realidade", diferenciada pelo autor.

Uma de suas idéias centrais é a preocupação com a hegemonia da tecnologia da informação que, por meio da Internet, estaria transformando a vida humana em uma realidade virtual e o homem em um elemento virtual deste sistema. Apreende-se que vivemos, então, em uma nova fase histórica, um novo mundo organizado, sendo alcançados, ininterruptamente pelo jogo de simulacros. O que nos transpõe à transformação radical de nossas experiências de vida, destruindo sentidos e significações, além de esvaziar completamente o conceito de realidade.

Sob este aspecto, destaca-se como força constitutiva por excelência deste jogo dos meios de comunicação. Segundo Baudrillard, temos que pensar nos *medias* como se fossem, na órbita externa, uma espécie de código genético que comanda a mutação do real em hiper-real. Assim, o ciberespaço constitui-se como um terreno cibernético que mina a distância entre o metafórico e o real, subordina totalmente os indivíduos. Então, infere-se que não estaríamos preparados para o grau de desenvolvimento a que chegou o sistema tecnocientífico, e, ao buscarmos cada vez mais informação e comunicação, acabamos agravando a nossa relação com a incerteza. Essa é a prerrogativa de Baudrillard diante desse “caos” existencial.

É pertinente comentar que se o nosso parecer nos remeter ou não ao grau de radicalismo delineado no pensamento do autor, não há por que deixar de interagir com suas idéias, pois ao estimularmos o senso crítico, seguimos à reavaliação ou ao confronto de perspectivas nesse ramo de pesquisa.

A crise do modo de vida capitalista frente ao consumo massivo de capital na realidade contemporânea em vias de fragmentação

Em sua obra “Condição Pós-moderna”, publicada em 1993, David Harvey enfatiza que a classe capitalista consolidará seu poder em uma crise e tentará se proteger pela promoção de formas fascistas. A única maneira que consegue conceber de impedir isso é estabilizar o sistema para criar uma ordem política mais forte para a construção da alternativa. Ele frisa que o pensamento de esquerda não convergiu para algum consenso de propostas que enfrente as

dificuldades presentes e pode levar algum tempo até o surgimento de tal consenso.

É possível apreender que estaríamos no início de uma crise de legitimação no mundo inteiro, onde um número cada vez maior de pessoas deve questionar se o capitalismo é uma forma viável de satisfazer às necessidades humanas, levantando alternativas. Atualmente é perceptível a tentativa de reformar o capitalismo para a obtenção de maior igualdade e sustentabilidade ambiental versus os que defendem um caminho revolucionário para derrubá-lo diretamente. Entre estes, há ainda uma cisma profunda para os que consideram vital tomar o poder estatal e revolucioná-lo ao socialismo, e outros que procuram construir sistemas sociais, político-econômicos fora do capitalismo.

Compreende-se ainda a importância de entender o desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo e o que isso produz em um terreno geográfico desigual de possíveis movimentos oposicionistas. Nos Estados Unidos, por exemplo, notam-se condições objetivas e subjetivas para se dedicar à luta anticapitalista. São diferentes das condições existentes na China ou no Brasil, e, um movimento global rumo ao socialismo deve reconhecer essas diferenças na tentativa de alcançar seus objetivos. Vale destacar que, há alguns anos, os EUA vêm perdendo a posição hegemônica dentro da economia global. Agora, estão perdendo a dominância nas finanças, a influência política e autoridade moral, as quais parecem estar sendo parcialmente recuperadas agora pela eleição de Obama.

Harvey enfatiza que a classe capitalista consolidará seu poder em uma crise e tentará se proteger pela promoção de formas fascistas. O projeto de longo prazo seria criar uma alternativa ao capitalismo e o longo prazo não poderá ser muito longo. Pois esta crise direciona o capitalismo como sistema histórico mundial próximo

de seu fim e possibilidades perto de serem exauridas. Em suma, acredita que devemos passar de modo rápido, mas deliberado, pela reforma para uma transformação revolucionária. Ao citar a compressão do tempo-espaço e a condição pós-moderna, questiona onde se estabelecem as relações entre a passagem do fordismo para a acumulação flexível e sua interferência nos usos e significados do espaço e do tempo. Sugere que temos vivido nas últimas décadas, uma intensa fase de compressão do tempo-espaço, geradora de um grande impacto nas práticas político-econômicas, no equilíbrio do poder de classe e na vida social e cultural.

É notável a aceleração na produção alcançada por mudanças organizacionais como subcontratação e a transferência de sede, que reverteram à tendência fordista de integração vertical, produzindo um caminho mais indireto na produção, mesmo diante da crescente centralização financeira. Outras mudanças como o sistema de entrega "just-in-time", responsável pela redução dos estoques, associado à produção em pequenos lotes diminuíram os tempos de giro em muitos setores da produção: eletrônica, máquinas-ferramenta, automóveis, construção, vestuário e outros. Para os trabalhadores, isso implicou em uma intensificação dos processos de trabalho e aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho. Conseqüência importante dessa aceleração generalizada dos tempos de giro do capital foi acentuar a volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas.

Não se trata de outra condição pós-moderna, mas de uma análise do contexto histórico. Ele situa esta condição dentro de uma seqüência histórica e sua compreensão só é possível pelo acompanhamento da seqüência, se comparada com etapas

anteriores. Nesse sentido, a pós-modernidade é colocada em relação à única condição frente à qual esta se define: a modernidade. Enfim, isso simboliza a desconstrução modernista do discurso da pós-modernidade. Pois, de fato, suas principais características podem ser encontradas dentro da modernidade. A pós-modernidade seria o lado fugaz e contingente, portanto não seria algo inteiramente novo com respeito à condição moderna. Logo, ao invés de ruptura teríamos a continuidade.

O pesquisador britânico dissolve as categorias do modernismo e pós-modernismo dentro de um complexo de oposições expressivas das contradições do capitalismo. Na verdade, “a modernidade que os pós-modernos pretendem transcender é apenas uma etapa da modernidade”, enfatiza. Vale mencionar que a visão Harvey acerca da modernidade e pós-modernidade não é muito diferente à de Habermas. O que lhe confere uma maneira nova e inusitada é a associação entre a condição pós-moderna, os novos sistemas de acumulação flexível e novas experiências do tempo e do espaço.

A pós-modernidade parece coincidir com a crise do fordismo, este mais que um novo tipo de organização da força de trabalho, é um novo estilo de vida, caracterizado pela produção e consumo de massas, com altos salários e um Estado que assume a responsabilidade sobre amplos setores de serviços. A crise do fordismo é do tipo que se resolve por meio de soluções temporais, o encurtamento do tempo de retorno do capital, e de espaciais, como a criação de novos centros produtivos, seja formas de organização flexível ou de um fordismo de baixos salários ou periferia. Portanto, essa transição cria uma nova experiência de fatores como tempo e espaço. É visível o autor assumindo uma postura materialista ao fazê-la dependente das práticas materiais de reprodução social.

É válido lembrar essa ênfase pós-moderna na efemeridade de valores, gostos e modas é como uma *mímese* da condição própria da acumulação flexível. Contudo, em meio a esse ritmo de obsolescências, revitaliza-se a busca de identidades, da unidade dentro da fragmentação, religião, família, etc. Isto é, podemos entender a pós-modernidade como uma configuração especial da equação de Baudelaire, há um século. Seguindo sua grande teoria, pela própria obsolescência da produção e do consumo do mundo pós-moderno, Harvey apostaria, então, em um ganhador ao anunciar o fim da pós-modernidade?

Após os argumentos mencionados no decorrer do texto, é possível analisar a mudança já prevista no comportamento da sociedade contemporânea, moderna e pós-moderna. Diante da presença de novos hábitos de consumo, da exposição excessiva de imagens e da amplitude de possibilidades para “comunicar” e interagir, percebe-se, no entanto, que os aparatos tecnológicos têm favorecido ao individualismo na atualidade. Acredita-se que nesse cenário não estejam limitados os personagens bom e mau apontados como mídia/espectador, mas a falta de uma reflexão aprofundada e freqüente acerca da questão! Por isso, críticos e estudiosos sobre o assunto se remetem à realização contínua de pesquisas interdisciplinares, especialmente no ramo da psicologia e história, com o objetivo de nos reportarem ao passado para encontrar alternativas no presente e para o futuro da sociedade de consumo.

É interessante analisar a forte influência exercida pela mídia, publicidade e consumo que pregam o bem-estar individual, o lazer, o “culto ao corpo”, valores individualistas das ascensões pessoais e financeiras. Vale relatar que a busca pela satisfação pessoal frente a esse contexto é possível. Entretanto, existem outros relatos que nos conduzem a pensar no ritmo acelerado das facilidades fornecidas na

contemporaneidade tem propiciado a consolidação de uma massa com perda de identidade e referenciais, conotando ainda mais formas obsessivas de viver uma projeção do real no virtual. Ou até mesmo a vivência projetada no outro, àquele que lhe confira temporariamente, por meio da convicção, uma admiração peculiar.

A partir disso, fica claro compreender a elevação do número de patologias clínicas diagnosticadas nos dias atuais, entre elas, o estresse, a depressão e doenças psicológicas como a anorexia e bulimia, conseqüentes da projeção exacerbada nas imagens midiáticas, no virtual que ganha o *status* de real, porém uma realidade que pode não estar adaptada à identidade de cada um. É nítida a velocidade em que ocorrem as mudanças tecnológicas e os rearranjos nas formas de socialização, de criação e de interação social. Entre estas, destacam-se às proporcionadas pelo advento da Internet e, conseqüentemente, à entrada e criação dos mais variados ambientes que permitem a circulação e troca de informações entre os freqüentadores do ciberespaço. Esses ambientes figuram os jogos *online*, onde a experiência lúdica se desenvolve na interação dos jogadores sem presencialidade. Nessa proposta, se transformam em elementos de destaque para o estudo da cultura tecnológica.

Em suma, obras como as de Baudrillard e Harvey são de extrema valia para a elevação intelectual, além de proporcionarem uma visão ampliada sobre o tema. Leituras capazes de nos reportar ainda mais à análise de crenças, valores e estilos, e identidades que se mostram frágeis e temporárias. E nessa perspectiva, a necessidade de freqüentes reflexões acerca da individualização na sociedade moderna, as influências exercidas em suas identidades e no comportamento contemporâneo. Pois, na função de comunicadores e formadores de opinião, esses estudos são

considerados indispensáveis para a compreensão dos acontecimentos no mundo globalizado.

Em que sentido o estudo da semiótica constitui uma teoria que auxilia pesquisas comunicacionais na compreensão das relações entre aparatos tecnológicos e indivíduos pós-modernos?

Diferente de outras ciências tradicionais, a semiótica vem sendo considerada pelos estudiosos uma teoria nova e pouco apegada a idéias ou conceitos únicos. É interessante perceber que, caracterizada pela flexibilidade, ela incentiva por meio de suas pesquisas à recepção de novas concepções. Nota-se o objetivo dos estudiosos desse ramo de consolidar novos pensamentos para a criação de perspectivas que, talvez, possam modificar a abordagem da semiótica. Como se observa, as ciências jovens estão sujeitas a mudanças, entretanto, especialistas frisam que a teoria ainda necessita de maiores recursos para análises mais aprofundadas.

Mas como a semiótica perderia seu espaço para a ciência se ela defende a tese de que a informação é algo produzido por seres vivos com interesses, utilidades e intenções? Já que não é possível existir comunicação sem que haja algo em comum, a informação não estaria no mundo. Dessa maneira, os dados é que são estimulados e chegam até nós – pela explanação dessa lógica comunicacional, a semiótica apresenta-se como uma teoria de grande valia para nós comunicadores!

Concebida há muito anos, entre os séculos XIX e XX, não era considerada ainda uma ciência. Contudo, um renomado pensador e cientista da era moderna, o norte-americano Charles Sanders Peirce, desenvolveu a semiótica, principalmente, como um método de

COMUNICOLOGIA

Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília
ISSN 1981-2132

estudo. Transformou-se espontaneamente em um novo foco de enxergar as coisas, conquistando seu lugar e *status* na ciência. Primeiramente, seu fundador de origem racionalista a denominou lógica e, depois, em uma ciência geral de todos os signos e linguagens. Peirce acredita que tudo seja movido por idéias, assim o pensamento lógico inicia-se pela percepção do mundo. O pragmatismo em sua prática seria o método de verificar a verdade de uma idéia, de testá-la. Ele enfatiza que a verdade surge das relações.

Nesse aspecto, pode-se dizer que profissionais da área de comunicação foram favorecidos intelectualmente com mais um recurso para explorarem, com outras dimensões e “olhares”, suas linhas de pesquisa. Interessante para nós, a semiótica se estabeleceu como base das teorias comunicacionais. Dividiu-se em duas partes: a semiótico-informacional, a primeira introdução dela nas teorias da comunicação e a semiótico-textual, mais evoluída em comparação à anterior. Na opinião de Peirce, a comunicação é a ciência dos vínculos e busca ampliar afinidades em meio às diferenças.

Entre suas definições, está a de ciência responsável pelo estudo dos signos e do poder comunicativo deles mesmos - este conceito parece bastante abrangente. Posteriormente, ordenou-se em setores como a semiótica-biológica, apropriada aos signos e linguagens dos sistemas biológicos e a semiótica-estética, destinada a analisar os signos e a linguagem das artes. Na opinião de Lúcia Santaella é uma ciência que, situada na área de humanas, estuda “toda e qualquer linguagem”. Destaca ainda que linguagem não seja a língua, pois a primeira não necessariamente é verbal ou escrita, podendo ser gestual, visual, sonora, entre outras. Já que essa teoria estuda as modalidades de linguagens, é possível concordar com a autora quando referencia o campo de indagação desse método de estudo. Ela considera “tão vasto que chega a cobrir o que se chama de vida”.

Apreende-se, então, que não haveria vida isenta de informações do sistema biológico, não seriam transmitidas de outra maneira, senão fosse por alguma forma de linguagem ou expressão.

Infere-se que, embora haja larga amplitude na abrangência dessa teoria, não seria permitida sua invasão no campo de ação de outras áreas. A ação de signo que a semiótica busca explicar é tão somente o que determinado fenômeno seja representado para alguém. Segundo Peirce, um signo é "algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém". Nesse contexto, signos são alicerces de todas as linguagens e objetos de estudo desde outras épocas. Além de alvos de investigação de vários pensadores, conquistaram um modo próprio de estudo definido por alguns como *semeiotike*, por outros de *semeiotica* ou *semiotik*, e até *semeiologia*.

É importante lembrar quando Peirce enfatizou a lógica, originada no campo da teoria geral dos signos, e a considerou como um ramo da semiótica. Logo, adotou uma concepção ampliada referente à teoria geral dos signos existentes. Foi proposta em subdivisões e adaptações para determinadas situações. Uma dessas adaptações ou subdivisões seria o modelo teórico comunicacional semiótico, que introduz sua visão e adapta-se como teoria comunicacional. Isso quer dizer: por meio de bases semióticas, procura-se explicar como ocorre a comunicação ou a interação entre o destinatário e o emissor, seja também pelos *mass media*.

Esse modelo possui dois momentos distintos, compreendidos nas teorias semiótico-informacional e semiótico-textual. A teoria surgiu devido à significação se tornar imprescindível no processo informacional anterior, a teoria da informação. Já que essa ciência aperfeiçoa justamente o campo da significação, se consolidou na semiótico-informacional. Assim, a questão da descodificação, de

como o público interpreta as mensagens, cria sentido recebê-las por meio dos veículos de comunicação de massa, como um importante objeto de estudo. Confere-se que os *mass media* não poderiam, nesse momento, prejudicar ou dispensar os mecanismos de reconhecimento e atribuição de sentido.

Apesar de provocar modificações significativas no esquema informacional, a teoria apresentou uma desvantagem, ficou restrita às análises das mensagens, da estrutura e dos seus códigos. Os pontos de vista do emissor e do destinatário eram pouco abordados, diferente da mensagem. Enquanto a semiótico-informacional tratava do mecanismo de comunicação interpessoal e de massa, a textual preocupa-se com características estruturais específicas da comunicação de massa. Além disso, a mensagem não era o principal foco de pesquisa, mas a relação comunicativa construída em torno do texto.

A teoria semiótico-textual estuda a dinâmica existente entre emissor e destinatário. Concentra-se não só na mensagem e sim em entendê-la por parte do destinatário – visualiza-se essa ocorrência em todos os momentos vividos pelos receptores. Com base na teoria, o emissor ao transmitir a mensagem, não se preocupa somente com o que deseja emitir, mas em expressar, de forma acessível, algo capaz de gerar ambigüidades. O espaço multimídia é um exemplo, incorporado pela Internet, que reproduz com flexibilidade total e receptividade todas as linguagens e mídias. O mundo *web* possibilita o acesso a aparatos como cinema, vídeo, TV, música, videotexto e áudio-texto, redes de compra como serviços bancários e até mesmo o teatro.

É perceptível que o espaço hipermídia, disponibilizado pela rede, possibilita a difusão e a integração da sinergia dos meios e linguagens com enorme acessibilidade. Nota-se a presença de

flexibilidade na manipulação de informações, imagens e sons, além da fusão das mídias, diante da proximidade conquistada pelas diversas linguagens. Com a intervenção do computador como o instrumento tecnológico atuante, cada vez mais, responsável pela relação de mediação do homem e seu *habitat* ou meio. Parece que a condição desse indivíduo no mundo foi modificada consideravelmente, já que, nos dias atuais, o mundo virtual integra a complexidade da nossa existência. E a influência individual e direta exercida por esse receptor, transformando sua relação e seus sentidos.

Atualmente o universo digital traduz a simulação do real, na condição de virtual, expandindo do natural, com inteligência própria, interativa, passando a ocupar o lugar de interlocutor. Com o advento da tecnologia digital, o avanço propiciado por novos processos mediadores reflete a automação do homem e a utilização de sistemas, proporcionando ao internauta a sensação de livre arbítrio para “navegar”, como se não houvesse fronteiras. Contudo, essa percepção expansiva por parte do receptor é capaz de gerenciar processos de inteligência e interagir com os signos, somando-se aos hipersignos. Dessa forma, é possível deduzir a presença de um novo posicionamento do homem com a comunicação relativa ao meio, e, principalmente, à consolidação de uma nova mediação e construção do real por meio do virtual.

A disponibilização constante e acumulativa de imagens possibilitada pela Internet intensifica o cenário marcado pelo fenômeno da “iconofagia” por parte dos receptores virtuais?

É evidente que a utilização da Internet é um fenômeno que cresce em uma velocidade acelerada e preocupante ao mesmo

COMUNICOLOGIA

Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília
ISSN 1981-2132

tempo. Observa-se atualmente o reconhecimento da sociedade e de seus indivíduos que, na condição de se sentirem inseridos, mantêm alguma relação de conectividade midiática virtual. Há algumas décadas, contávamos com a TV e o rádio como veículos de comunicação de massa. Hoje, o mundo virtual incentiva a comunicação a se tornar individualizada. Possibilita ainda ao internauta uma sensação maior de liberdade, como se estivesse rompendo as fronteiras da informação – em meio a alguma desconfiança sobre a possível manipulação da mídia, ele supostamente poderia acreditar estar isento dessa influência na rede, já que ela não apresenta uma identidade discursiva tão padronizada como ocorre nos meios tradicionais.

Sabe-se que o internauta utiliza, muitas vezes, seu anonimato para se expressar da forma desejada ou idealizada, já que é possível interagir na *web* sendo si mesmo ou como se fosse outra pessoa. Esse é um valor agregado atribuído aos meios de comunicação *online*, pois possibilitam aos leitores sentirem-se mais à vontade para falar o que pensam. Os meios “vendem seu peixe”, se aproveitando do artifício moderno da interatividade, como se o consumidor dialogasse, de fato, e contribuísse sempre, “verdadeiramente”, para as decisões da empresa, seja do ramo jornalístico ou comercial.

Na cultura da emissão notamos que todos querem se expressar e alguns desejam ouvir ou apreciar. É visível também a necessidade das pessoas pautarem suas vidas pelos espaços da mídia – virou um sintoma característico da pós-modernidade. Logo, quando nos remetemos à Era da Iconofagia, de Norval Baitello Júnior, nos deparamos com uma questão que está diretamente relacionada à violência, por exemplo. Seja ela utilizada contra si mesmo, reforçando padrões estéticos e comportamentais doentes, como estereotipando, de forma negativa, grupos, excluindo minorias,

consolidando preconceitos e alimentando a prática de ações como injúrias ou até de criminalidade.

É importante destacar que a finalidade não seria propor um controle inibindo a qualidade democrática pertinente à livre busca de informações *online*, nem fazer apologia à censura na Internet. Mas, propiciar uma discussão sobre a necessidade de debater o exagero na emissão de imagens e padrões incentivados diante da ausência de valores morais como a ética, ao invés de requerer algum tipo de controle na disponibilização de imagens. O objetivo seria impedir que essa disponibilidade ilimitada visasse atingir não somente às metas de consumo. Ao visar o lucro, diante da exagerada corrida tecnológica e do apogeu da globalização, é detectado que os *mass media* perdem a noção da prejudicialidade, omitindo o fornecimento de alertas à população, e valorizando as minorias ao contribuir na eliminação de todas as espécies de preconceitos - Não é solicitada aqui a prática de um idealismo ou utopia. Em compensação, um reforço para consolidar a quebra de padrões estabelecidos, implícitos ou explícitos, incorporados em uma face aparentemente eclética que possa nos levar a crer na oferta de uma larga variedade informacional formatada em um *buffet* de signos e imagens emitidas por meio da volatilidade caracterizada pela virtualidade, supostamente jamais provocadora de uma "intoxicação" ao servir-se dela.

Estudiosos na área de comunicação consideram a iconofagia um fenômeno moderno, fortemente impulsionado pela indústria de comunicação de massa. Segundo Baitello, significa a devoração das imagens ou pelas imagens: "corpos devorando imagens ou imagens que devoram corpos". Entretanto, nota-se que nós, de devoradores de imagens passamos a ser devorados por elas. Ou seja, hoje em dia, confere sentido à imagem não mais a vivência corporal, mas a virtual. Dessa forma, pessoas estão se convertendo em imagem e o

perigo é que, com o passar do tempo, sejam induzidas a deletarem suas marcas corporais.

Se antes apagavam suas marcas, agora seriam os próprios corpos. Um exemplo desse processo de "apagamento corporal" é evidenciado pelo comportamento das modelos publicitárias que, de qualquer maneira, buscam emagrecer estupidamente para atender às exigências estéticas estabelecidas pelo mercado da moda, responsável por convencionar determinado padrão feminino, como sendo a imagem aceita da perfeição. O resultado disso é o número considerável de vítimas e óbitos decorrentes de doenças como a anorexia e a bulimia. A mídia não deveria ser apontada como a única responsável pela construção desastrosa dessa relação emissor/receptor - claro que depende de nós consumidores, dotados de cérebro para pensar, adquirir, mediante essa "overdose" de informações, um senso crítico aguçado frente às barbaridades ocorridas, decorrentes das obsessivas fantasias alimentadas pelas mentes desses consumidores.

O comércio emite suas mensagens aos seus receptores alvos, no entanto, possui a noção de que o cliente também é gente. Porém não custa apostar no caminho mais curto e utilizar estratégias mais fáceis para seduzir seus adeptos. É verídica também a participação assídua da mídia frente a essas tragédias, além da atuação intencional na manipulação do imaginário de seus espectadores. Estes, muitas vezes, viram escravos dessa ditadura de padrões e, na tentativa de serem reconhecidos em seus grupos, se apropriam de normas, sendo remetidos à própria violência mental. Em função de interesses e metas comerciais, os *mass media* criam cenários imaginários com o objetivo de instigar os sentidos do consumidor.

A partir do momento que os seduzem, parecem obter grandes chances de adequação à proliferação dessas imagens. O problema é

COMUNICOLOGIA

Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília
ISSN 1981-2132

quando nos referimos a elas no estágio, citado por Baitello, como sendo “fantasmagóricas”, passando a viver muito mais a imagem em detrimento do próprio corpo, imergindo nossas mentes à procura de um perfeccionismo ilusório. A comunicação à distância, consolidada pela presença de imagens, categoriza uma nova tipologia das relações, percepção do mundo e das pessoas, com a intermediação da visualidade e exigência da visibilidade. Não é obviedade afirmar que vivemos em um mundo predileto de imagens, onde os ícones são devorados.

Nesse âmbito, o estudioso de semiótica da cultura nos remete a um mundo desafiador da iconofagia. Fenômeno impulsionado pela indústria da comunicação de massa, não poupando quem esteja submetido aos paradigmas da nova indústria cultural, uma indústria que não mais oferece apenas informação, cultura e entretenimento. Segundo Baitello, somos subjugados, imperativamente, a caprichos estéticos padronizados e interesses econômicos capitalistas. “A iconofagia surge da mediação, as imagens se devoram, devorando-nos a nós mesmos, veículos, produtores e consumidores da profusão infinita de formas, cores, movimentos e ruídos”, define. Suas idéias nos levam a uma dimensão pouco explorada das relações humanas, dispensada, na maioria das vezes, às tecnologias e estratégias de comunicação.

O mundo de imagens vazias é o ambiente em que o autor nos alerta para a questão da violência concebida como um fenômeno sutil, ao contrário da embalagem “estúpida” disponibilizada pela mídia, a fim de nos tornar viciados ao consumo. Em um planeta informatizado, a troca de informações vai além do necessário para a manutenção da vida biológica ou social. A comunicação procura ampliar horizontes da dimensão psicológica da vida humana. Como

um instrumento de consolo para a ocorrência de uma situação somente contornável simbolicamente: à chegada do fim da vida.

Nesse estudo, o corpo é assumido como mídia primária e prioritária da cultura. O elevado grau de visibilidade prejudica a percepção do homem para o corpo real e o faz adotar um virtual, preferindo a distância do contato com o real, sendo transferido a uma realidade bastante humana para um universo tecnológico desafiante. Compreender, dentro dessa perspectiva, as relações entre o real e o virtual, a partir dos conceitos pertinentes à semiótica da cultura, amplia o visual e intelectual sobre a reflexão de funcionalidade da mídia *web* e de suas “sinceras” contribuições aos internautas pós-modernos.

REFERÊNCIAS

- BAITELLO, J. N. A Era da Iconofagia. São Paulo: Ed. Hacker Editores, 2005.
- BAUDRILLARD, J. Simulacros e Simulação. Lisboa: Ed. Relógio D'Água, 1991.
- HARVEY, D. Condição Pós-moderna. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.
- PEIRCE, C. S. Semiótica e Filosofia. São Paulo: Ed. Cultrix, 1972.
- SANTAELLA, L. O que é Semiótica. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- SANTAELLA, L. A Teoria Geral dos Signos. Semiose e Autogeração - São Paulo: Ed. Ática, 1999.

´Jornalista. Mestranda em Comunicação na Universidade Católica de Brasília - UCB